
A Interculturalidade e a *Práxis* de Relações Públicas Internacionais

Scarlet Alencastro Vanin Dutra de Souza¹

Marcelo de Barros Tavares²

Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter)

Resumo

O presente artigo busca concatenar conceitos de interculturalidade (FERRARI, 2006) e relações públicas internacionais (FERRARI, 2006), a fim de refletir sobre as convergências destes termos. Utilizando a revisão bibliográfica (STUMPF, 2010) como metodologia, salienta-se, através das teorias aqui abordadas, que as relações públicas internacionais e a interculturalidade possuem diversas semelhanças em seu campo de estudo, em especial, o fato de ambas lidarem especialmente com o relacionamento, principalmente em âmbito internacional. Através desta pesquisa, foi possível perceber de que forma a interculturalidade influencia e complementa a *práxis*³ de Relações Públicas no contexto internacional.

Palavras-chave: Interculturalidade. Praxiologia. Relações Públicas Internacionais.

1 Introdução

Nos anos 80, com o início do processo de globalização, houve um maior aprofundamento internacional no que diz respeito à cultura, religião, mercado, entre outros, o que demanda, conseqüentemente, o relacionamento entre as distintas culturas, para que seja possível que isto aconteça. Este relacionamento entre as diferentes culturas se intitula intercultural (FERRARI, 2006). Na área das relações públicas, esta maior abertura de mercados, conseqüência da globalização, possibilitou uma expansão nos estudos da área de relações públicas internacionais, tendo em vista que o cerne da atividade de relações públicas é o relacionamento (CESCA, 2006).

Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo concatenar os conceitos de interculturalidade e relações públicas internacionais, fazendo uma reflexão acerca das teorias da área e demonstrando, através de uma figura, suas convergências. Cabe elencar

¹ Autora do trabalho. Relações-públicas graduada em 2018 pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter). E-mail: scarletvs@gmail.com

² Orientador do trabalho. Professor do Curso de Relações Públicas do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-RS. E-mail: marcelo_tavares@uniritter.edu.br

³ Entende-se, neste artigo, a noção de *práxis* dada pelos estudos de Vazquez (1977), em que o termo associa a união da teoria e da prática, num caráter reflexivo.

que, por serem áreas muito semelhantes, são encontradas diversas convergências, que demonstram a maneira como estas se complementam. Estas, podem ser vistas nas teorias, em especial pelo fato de alguns autores estudarem as duas áreas concomitantemente. As teorias abordadas demonstram as particularidades de cada área, bem como fazem uma reflexão das mesmas, tornando possível este estudo. Os principais autores utilizados para falar de interculturalidade foram Ferrari (2006) e o relatório anual da UNESCO, datado em 2009. Já para abordar relações públicas internacionais, os principais autores utilizados foram Ferrari (2006) e Nobre (2016).

Para se atingir o objetivo deste trabalho, utilizou-se, enquanto metodologia, a revisão bibliográfica, tendo em vista que, de acordo com Stumpf (2012), é uma metodologia que acompanha o pesquisador durante todo o processo e possibilita um entendimento maior acerca do tema. Isto se deve, pois, com a pesquisa bibliográfica é possível pesquisar toda a teoria, desde os primórdios até seus estudos atuais, possibilitando uma ampliação do conhecimento do pesquisador para com o tema estudado.

Sendo assim, o presente artigo encontra-se dividido na apresentação das teorias de interculturalidade; a apresentação da *práxis* de relações públicas internacionais; para, após, demonstrar as convergências através da exposição de uma figura. Desta maneira, observa-se que o artigo prima pela exposição das teorias, fazendo uma revisão das mesmas, tendo em vista o estudo latente da interculturalidade e das relações públicas internacionais, especialmente na era da globalização, iniciada nos anos 80.

Cabe pontuar, ainda, que o presente trabalho advém de um recorte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), defendido em dezembro de 2017 no Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter). Para sua construção, foram considerados os apontamentos da banca examinadora, a fim de aperfeiçoar a presente pesquisa.

2 Interculturalidade

De acordo com Ferrari (2014), nos últimos anos, estamos, enquanto sociedade, nos adaptando a uma realidade multicultural, tendo em vista a abertura das fronteiras geográficas e até mesmo políticas. Neste sentido, a comunicação, em especial as relações públicas, se vê como importante para que sejam criados e mantidos estes relacionamentos entre as diferentes culturas, já que este relacionamento, que é considerado intercultural, é

um dos mais difíceis de se tratar e estudar em nossa comunidade atual, pela facilidade e instantaneidade que os avanços tecnológicos nos trouxeram.

No que tange esta instantaneidade, ocasionada especialmente pelos avanços tecnológicos, Castells (2010) elenca que esta se deve às novas formas de os indivíduos e instituições se organizarem para lidarem com esta nova demanda de mercado e relacionamento, que se tornaram ainda mais abrangentes, visto que agora são multiculturais. Além disso, o autor traz que esta nova demanda se deve, principalmente, aos computadores, que nos últimos anos vem moldando o estilo de vida das pessoas e, com isso, as aproxima ainda mais.

Como consequência desta realidade multicultural vivenciada na atualidade, se desenvolve o relacionamento entre as diferentes culturas, que é considerado intercultural. Este relacionamento intercultural, apesar de estar em evidencia na atualidade devido, principalmente, ao processo de globalização, é sentido e vivenciado pela humanidade desde os seus primórdios, visto que as pessoas sempre tiveram esta necessidade (FERRARI, 2014).

No entanto, a maneira como as pessoas vem se relacionando, através de computadores, por exemplo, conforme elencado por Castells (2010), torna este campo ainda novo e com grande potencial a ser explorado. Neste sentido, Ferrari traz que

O campo da interculturalidade tem sido pouco explorado pelos comunicadores, mesmo conscientes de que não há comunicação sem identificar os processos culturais e vice-versa. Concordamos que cultura e comunicação são os dois lados de uma mesma moeda (FERRARI, 2014, p.12).

Posto isso, Maldonado (2005) traz que uma das questões que permeiam as discussões atuais das mais variadas esferas, é a possibilidade de compreensão da comunicação intercultural. O autor pondera que, no século XXI, tendo em vista os fluxos culturais em diversos campos, como através de símbolos e deslocamentos físicos, “[...] o isolamento e o “purismo cultural” são pouco prováveis num mundo em crescente inter-relação [...]” (MALDONADO, 2005, p.119).

Para Maldonado e Pires (2015), a partir dos processos de abertura política e de mercados, caracterizados como globalização, ocasionaram-se identidades e culturas mais complexas de serem estudadas, já que, agora, embora possuam suas características individuais, estas atuam de forma mais unificada em todo o mundo. Sendo assim, cabe

trazer o significado de interculturalidade, a fim de elucidar as discussões aqui expostas acerca do tema.

À vista disso, Ferrari (2014) trata interculturalidade para além do relacionamento entre as diferentes culturas, mas sim como um pano de fundo, que incide diretamente nos relacionamentos entre pessoas e organizações não somente dentro de suas fronteiras geográficas. A autora sustenta que, para o estudo da área, se faz necessário compreender, em um primeiro momento, as bases que oferecem subsídios para o diálogo, já que este se torna essencial para que a interculturalidade exista de fato. Nesta perspectiva

Um dos aspectos mais importantes para o estudo da interculturalidade é a identificação dos processos comunicacionais que, ao lado da cultura, estabelecem as bases para o diálogo cultural entre as pessoas e nas e entre organizações com seus públicos e as demais instituições (FERRARI, 2014, p.44).

Em contrapartida, Cogo (2001) observa a interculturalidade como um fenômeno vivido especialmente a partir da imigração⁴. Além disso, a autora aborda que este processo de imigração traz consigo uma pluralização cultural, a qual provoca uma reconfiguração desta cultura dentro das fronteiras geográficas. Este fenômeno viabiliza uma reestruturação rápida e descomplicada acerca de imagens e representações culturais.

Neste sentido, a autora ainda alega que, na atualidade, a realidade multicultural é vista como uma extensão dos processos migratórios. Ainda no que tange a imigração e interculturalidade, Cogo aborda que

A imigração é uma das principais experiências socioculturais que move hoje o campo acadêmico a nomear de multicultural as sociedades contemporâneas e a situar na dinamicidade e potencial de intervenção que encerra a categoria interculturalidade, as possibilidades de compreensão das intrer-relações e tensões entre economia e cultura, entre mercados e identidades culturais, dinamizadas fundamentalmente em dois cenários: a indústria cultural e a cidade (2001, p.14).

Nesta mesma perspectiva da autora, a UNESCO traz, em seu relatório anual datado em 2009, que, no atual contexto, de aumento de migrações e cidades, se torna ainda mais necessário o diálogo intercultural, visto que este alcança uma nova dimensão.

⁴ Entrada de indivíduo ou grupo de indivíduos estrangeiros em determinado país, para trabalhar e/ou para fixar residência, permanente ou não.

De acordo com a organização, este novo contexto traz desafios, como a preservação das identidades individuais e o fomento do diálogo.

Ainda no que tange o diálogo intercultural, ainda mais necessário na atual conjuntura, a UNESCO (2009) elenca que se faz necessário repensar, ainda, em novas formas para fazê-lo, tendo em vista que deve-se superar o simples “comunicação entre diferentes culturas”, já que limita muito a perspectiva do diálogo intercultural. Para obter o fim disso e ampliar ainda mais o paradigma intercultural, a UNESCO elenca

Entre os requisitos para obter esse fim, figura a análise sobre as diversas múltiplas fontes da nossa identidade, contribui para deixar de insistir nas diferenças e, em seu lugar, prestar atenção à nossa capacidade comum de evoluir diante a interação mútua. A sensibilização para a história e para a compreensão dos códigos culturais reveste-se de uma importância crucial para superar os estereótipos culturais no percurso do diálogo intercultural (UNESCO, 2009, p.9).

Neste sentido, a UNESCO expõe que, além da comunicação entre distintas nações, o diálogo intercultural nos proporciona a evolução através da interação e do conhecimento acerca das diferenças, fazendo com que este seja um ponto crucial para superar estereótipos, conhecer histórias e códigos, possíveis somente através das dissemelhanças culturais. Este diálogo intercultural, de acordo com o referido relatório, requer empoderamento de ambas as partes, para que assim as identidades culturais de cada uma destas sejam preservadas de forma individual ou coletiva.

Por conseguinte, Ferrari (2014) outorga o relatório da UNESCO (2009), afirmando que a comunicação intercultural precisa ir além e, para tanto, se faz necessário identificar de que modo ela vem sendo gerenciada. Isso implica em conhecer os processos comunicacionais, além das culturas envolvidas, para criar-se, deste modo, uma base comunicacional. Neste sentido, a autora expõe

A análise da comunicação intercultural precisa ir além da simples comparação entre culturas, assim como o levantamento entre semelhanças e diferenças. É importante identificar de que forma a comunicação intercultural é gerenciada (FERRARI, 2014, p.44).

Nesta perspectiva, Canclini (2004) complementa, alegando que, para este relacionamento intercultural acontecer desta forma assertiva, conforme elencado pelos autores acima, deve-se admitir a pluralidade de culturas, pautando-se sempre pela valorização e respeito às diferenças.

No que corresponde estes relacionamentos, Cabral (2017) assinala que estes podem – e vem sendo – estimulados até mesmo pelas universidades, através de programas de intercâmbio cada vez mais facilitados. Estes intercâmbios fomentam o relacionamento intercultural, a troca de informações e o conhecimento, que, em virtude das distinções culturais, atinge uma maior amplitude. A autora pontua que, mais do que conhecer diferentes culturas e adquirir, desta forma, mais conhecimento sobre o outro, o relacionamento intercultural proporciona um conhecimento maior sobre si mesmo. Neste sentido, a autora alega que “de fato, incentivar experiências interculturais se torna um meio para a aquisição de novos conhecimentos sobre o outro e sobre si mesmo” (CABRAL, 2017, p.210).

Em contrapartida, Wainberg (2011) nos traz outra visão deste relacionamento intercultural, tratando-o como um desafio no que tange as crises que o mesmo pode acarretar, visto que as diferenças culturais se afluam ainda mais em âmbito internacional e geram um choque cultural. No entanto, o autor pontua que isso faz com que se desenvolva a capacidade de negociação dos indivíduos, através dos conflitos que podem ser gerados por estas diferenças. Desta forma, elenca que as relações públicas acabam por possuir como função mais do que somente o relacionamento, como também o gerenciamento de crises que possam vir a acontecer.

Para Maldonado (2008), esta comunicação intercultural se dá a partir da percepção de sujeitos comunicantes⁵, onde se nota uma comunicação particular de cada um destes, através de símbolos, vivências e referências. Estas particularidades se devem, principalmente, a cultura que cada um possui. Apesar de a cultura vir sofrendo um processo de hibridização, ainda sustenta características bastante particulares. A partir disso, a comunicação é vista como heterogênea, de mão dupla e mais ativa. O autor ainda sustenta que estes atributos fazem com que este seja um campo propício a ser estudado na atualidade, junto a comunicação digital.

Ainda na perspectiva de Maldonado (2014), aponta-se que o autor sustenta o relacionamento intercultural não somente através das diferentes culturas no âmbito internacional, mas sim em diferentes culturas, referindo-se as ambiências de cada um. Nesta perspectiva, aponta que

⁵ Na percepção de Maldonado, sujeitos não são passivos, são “sujeitos comunicantes, cidadãos que tem questões importantes para falar, ensinar, aprender, questionar e produzir” (2014, p. 26).

Pensar o espaço/tempo da receptividade comunicativa leva-nos, necessariamente, a situar os públicos na sua história pessoal, familiar, de classe, de região, de raça, de etnia, de tribo, de talentos-competências, de concepções e de subjetividades comunicativas (MALDONADO, 2014, p.21).

Neste sentido, Ferrari complementa que “a comunicação como processo de significados, é essencial para que ocorram os relacionamentos entre culturas” (FERRARI, 2014, p.11).

A partir do exposto, percebe-se que o relacionamento intercultural vem se tornando latente com o processo de globalização, visto que, com ele, há uma abertura maior de fronteiras e, conseqüentemente, uma maior comunicação entre as diferentes culturas. Alsina (2000), nesta perspectiva, pontua que, mais do que o relacionamento entre as diferentes culturas, a interculturalidade propõe uma reflexão acerca da nossa própria cultura, com fatores como a busca pelo conhecimento – nosso e do outro.

Cabe salientar aqui que a comunicação intercultural, apesar de não ser um processo novo, conforme mencionado anteriormente, passa por um momento de expansão haja vista, por exemplo, os processos migratórios. Cabe elencar, também, que esta comunicação intercultural não se faz somente entre diferentes países, mas sim entre diferentes culturas em geral sempre que há um relacionamento, uma base comunicacional, entre elas.

Com isto, é possível perceber que a interculturalidade e a área de relações públicas estão diretamente interligadas, tendo em vista que, para o relacionamento intercultural existir, se faz necessário uma base comunicacional. Desta forma, caracteriza-se a comunicação intercultural.

3 Práxis de Relações Públicas Internacionais

Com o processo de globalização, iniciado nos anos 80, que proporcionou uma maior flexibilização de mercados, viu-se, também, a necessidade de um aperfeiçoamento do estudo acerca da área de relações públicas internacionais. Até então, a área era vista apenas de modo empírico e, a partir disto, viu-se a necessidade de aprofundamento também no campo teórico. O conceito de relações públicas internacionais vem atraindo a atenção de pesquisadores da área de relações públicas (RIBEIRO, 1999).

A literatura dos anos 80 aponta que, até então, as organizações tratavam de relações públicas internacionais de três formas, sendo a primeira, uma maneira que não

atendesse funcionários de novas localidades através de ações de comunicação, por exemplo; a segunda, conduzida através de especificidades do marketing, sem um plano de relações públicas; e a terceira tratava comunicação de forma externa à organização, através da contratação de agências (FERRARI, 2011).

Sendo assim, nos anos 90 se viu a necessidade de se implantar um debate, com o objetivo de buscar definições acerca do termo relações públicas internacionais. Este estudo nos anos 90, foi iniciado por pesquisadores norte-americanos, que, após, compreenderam as relações públicas internacionais enquanto programas de comunicação voltados a cada nicho específico (FERRARI, 2011).

Em contrapartida, Andrade (2008) pontua que as relações públicas internacionais tiveram o início do seu estudo por volta dos anos 50, após a Segunda Guerra Mundial. O autor traz que este foi iniciado devido a necessidade de as empresas se expandirem, abrirem seus mercados e, conseqüentemente, se relacionarem com outros povos.

No Brasil, Silva (2005) pondera que as relações públicas internacionais surgem com aspectos diferenciados, primando, em seu estudo, pela busca da construção histórica das relações públicas em um primeiro momento, bem como da formação da área desde questões curriculares, até no que tange o meio mercadológico. Desta forma, busca-se entender as relações públicas internacionais enquanto seu desenvolvimento histórico e pressupostos a partir da formação da atividade de relações públicas no país.

Devido aos recentes estudos sobre o assunto, bem como o fato de os mesmos estarem ainda em andamento, Ribeiro (1999) pontua que não há um consenso acerca do conceito de relações públicas internacionais. Embora os estudos sejam ainda bastante recentes, Bastos e Neto (2008) alegam que a rapidez com que as empresas se internacionalizam aumenta com as novas tecnologias e o processo de globalização, o que gera, conseqüentemente, um debate cada vez maior acerca do assunto.

Nesta perspectiva, Wainberg (2011) pontua que as multinacionais foram as empresas que mais se destacaram no âmbito da internacionalização a partir do século XX, já que primam por este processo, especialmente no que tange as atividades econômicas. Sendo assim, o autor alega que se faz natural que narrativas sobre relações públicas internacionais contemporâneas iniciem referindo-se a esta demanda, pois a mesma vem se intensificando cada vez mais.

No entanto, Wainberg (2011) diz que, embora a atuação das relações públicas seja visível neste processo de internacionalização das organizações, o conceito de relações

públicas internacionais não deve se restringir a isto, pois este processo, segundo o autor, é empresarial e econômico. Neste sentido, o autor alega que “[...] o profissional de relações públicas internacionais é hoje uma categoria que envolve uma diversificada gama de outros atores [...]” (WAINBERG, 2011, p.223). Sendo assim, a *práxis* de relações públicas internacionais é vista como multifunções e, por isso, a demanda acerca desta cresce de forma notável.

Neste sentido, no que diz respeito ao significado de relações públicas internacionais, Andrade (2008) diz que são medidas adotadas para estabelecer, bem como fortalecer, o relacionamento entre os diferentes povos e países. Estas ações de relações públicas internacionais facilitam a coexistência de culturas, cooperação e entendimento entre os povos, o intercâmbio econômico, comercial e político, bem como o aumento do nível cultural. Para se obter este sucesso almejado, o autor elenca que estas devem ser aplicadas com o intuito de impedir um vazio geográfico. Além disso, o termo é utilizado para definir ações de relações públicas realizadas em âmbito internacional.

A atividade de relações públicas internacionais, de acordo com Andrade (2008), possui quatro facetas: “relações públicas para corporações multinacionais, globalização, diplomacia pública e relações públicas comparativas” (ANDRADE, 2008, p.236).

Neste sentido, de definição do termo relações públicas internacionais, Nobre (2016), assinala que deve possuir mais de um viés, sendo considerado, para tanto, aspectos como os termos que compõem e o efeito que impõem, sendo assim, o autor salienta que

As definições de relações públicas internacionais deve emergir tanto da análise dos termos que as compõem, quanto do efeito que tais termos impõem quando usados em conjunto. Por exemplo, o termo “relações” tem a ver com relacionamento [...]. Já o termo “públicas” evoca um duplo caráter: de um lado o contraste entre o público versus privado [...]. Por fim, o termo “internacional” é composto por dois outros elementos: inter e nacional. De forma direta, significa “entre nações” (NOBRE, 2016, p.116).

Nesta perspectiva, Nobre (2016) aborda que o termo relações públicas internacionais possui como definição o abordado anteriormente no presente capítulo: relacionamento com os diversos públicos de um país, ou de diferentes países, caracterizando-se como um relacionamento entre nações ou relacionamento intercultural.

O autor pondera que “[...] as relações públicas internacionais podem ser entendidas como o conjunto de relacionamentos perceptíveis na esfera pública entre

nações [...]” (NOBRE, 2016, p.117). Neste sentido, o autor traz que esta compreensão pode ser ainda bastante limitada, já que muitos relacionamentos não são perceptíveis, tampouco conduzidos à esfera pública. Além disso, o termo esfera pública deve ser visto no plural e o termo nações deve ser repensado para superar delimitações políticas e geográficas (NOBRE, 2016). Nesta perspectiva, de repensar conceitos, o autor ressalta que as relações públicas internacionais devem ser repensadas, visto que o contexto atual se vê mais complexo, para considerarem pontos como

(1) que o relacionamento e a condução técnica (táticas e estratégicas) devem ser uma atividade expressa, formal, consentida, monitorada e responsável; (2) que o caráter público da atividade se sobrepõe a qualquer interesse privado e que o aspecto humano do indivíduo não deve ser obliterado pelo uso de terminologias coletivizantes como audiência, mercado, ou públicos; (3) que o alcance da atividade extrapola fronteiras físicas (país, estado, município) e unidades burocráticas (governo, estado) e que o conceito de “nação” torna-se fluido para significar simplesmente “pares” – isto é, aqueles que se igualam (ou se consideram iguais) em alguma medida ou instância (NOBRE, 2016, p.117).

No que tange à definição de relações públicas internacionais, Silva (2005) pontua que a mesma não pode ser vista sem antes verificar a definição de relações internacionais, já que a mesma possui diversos aspectos que vão de encontro à atividade de relações públicas, como relacionamento, comunicação, compreensão de fenômenos, além da relação com o Estado.

Na perspectiva da *práxis* de relações públicas internacionais, Ferrari (2011) nos traz que esta passou a atuar em âmbito global a partir da segunda metade do século XX, com o advento dos relacionamentos internacionais, e que na segunda década do século XXI, a qual estamos vivenciando, “[...] as relações públicas internacionais vivem um momento de auge com o processo de globalização, o intercâmbio de informações e a expansão das relações comerciais [...]” (FERRARI, 2011, p.168).

Em virtude dos fatores acima mencionados, Ferrari (2011) alega que a *práxis* de relações públicas internacionais vem se tornando, especialmente dentro das empresas multinacionais, o centro, visto que são dadas a ele responsabilidades como a distribuição de tarefas entre os demais colaboradores, além do relacionamento com os públicos do país em que se encontra a instituição. Sendo assim, esta *práxis* se torna um intermediadora

entre a organização e seus diversos públicos de interesse, que, neste caso, pode ser tanto seus funcionários, quanto o público externo à organização, como os vizinhos desta.

Nesta perspectiva, a autora assinala as “[...] relações públicas internacionais como a prática de programas de comunicação distintos em vários mercados, com ações especialmente estruturadas para atender cada um deles [...]” (FERRARI, 2006, p.88).

Complementando esta perspectiva, Bastos e Neto (2008) alegam que um dos maiores desafios do estudo das relações públicas internacionais, atualmente, é conseguir atender a todas as demandas de uma organização, em diversos países, sem perder a sua identidade, visto que, para corresponder às expectativas deste público, se vê como significativa uma identificação com ele. Os autores trazem que a *práxis* de relações públicas internacionais deve possuir uma visão sensível e qualificada sobre os mais diversos assuntos, sendo esta ampla. Neste sentido, a autora assinala que

Profissionais de relações públicas internacionais devem estar qualificados e sensíveis a pontos de vista diversos, de modo a facilitar os relacionamentos entre diferentes públicos numa arena global. Além disso, podem também antecipar os desafios ajudando as organizações a pensar e a agir de maneira estratégica. Para isso, principalmente, deve-se conhecer e respeitar as diferenças culturais do local das ações comunicacionais (BASTOS; NETO, 2008, p.116)

Neste sentido, Wakefield (1996) trabalha a *práxis* de relações públicas internacionais em um contexto organizacional a partir de quatro teorias: teoria da sociedade global, teorias culturais, teorias de administração comparativa e teorias da comunicação. A teoria da sociedade global retrata os efeitos do processo de globalização na sociedade, visto que as pessoas, de um modo geral, são resistentes a mudanças. Desta forma, a *práxis* de relações públicas, se bem preparados, possuem o discernimento necessário para amenizar estes efeitos e fazer com que estas mudanças sejam bem aceitas pelo público; As teorias culturais ponderam a importância de conhecer o ambiente em que a organização está inserida, visto que a cultura local tem grande influência sob a *práxis* de relações públicas, especialmente em um contexto internacional; A teoria da administração comparativa auxilia na pesquisa e compara, por exemplo, decisões de uma determinada cultura com decisões de outra, visto que, desta forma, se faz possível expandir o conhecimento, comparando decisões; As teorias comparativas se fazem muito presentes, também, em teorias de contingência; Por fim, as teorias da comunicação dão

embasamento para as *práxis* de comunicação, que possam vir a se realizar no ambiente em que estão inseridas.

Em consequência ao processo de globalização, Ferrari (2006) assinala que a *práxis* de relações públicas internacionais vive em amplificação e, desta forma, se faz necessário que esta *práxis* conheça cenários e particularidades de cada espaço em que está inserida. Desta maneira, se faz possível a gestão da comunicação, tanto no âmbito do relacionamento, quanto administrativo.

Com o mundo em constante expansão, tornando-se uma aldeia global, se percebe a necessidade de desenvolver as relações públicas internacionais, principalmente ações neste seguimento, específicas para cada público de interesse de uma organização. Por esta razão, se faz necessário que a *práxis* de relações públicas possua discernimento e uma visão macro do ambiente. Além disso, para que esta *práxis* seja capaz de desenvolver atuações assertivas, se faz necessário que esta *práxis* de relações públicas possua legitimidade perante a sociedade (FERRARI, 2011).

Para que as relações públicas internacionais sejam sustentáveis nas mais diversas esferas, Nobre (2016) pondera que se faz necessário pontuar que os relacionamentos entre as diferentes nações devem ser baseados pela mutualidade e que seja considerado o constante empoderamento dos lados, conduzindo a ampliação da democracia e das fronteiras. Além disso, o autor nos traz que, para entender esta atividade de relações públicas internacionais, se faz considerável entender que a mesma lida diretamente “[...] com o balanço de poder político e a distribuição de benefícios econômicos [...]” (NOBRE, 2016, p.117).

Desta maneira, após o exposto acima, pode-se evidenciar como fator significativo para a *práxis* de relações públicas internacionais, o relacionamento internacional, visto que este vai de encontro a *práxis* de relações públicas, ampliada ao âmbito internacional, aqui explorado.

4 Interculturalidade x Práxis de Relações Públicas Internacionais

Diante do exposto, a *práxis* de relações públicas internacionais se vê como importante para o desenvolvimento deste relacionamento intercultural, seja para evitar uma possível crise, seja na esfera do próprio relacionamento. Sendo assim, percebe-se que ambas estão interligadas e são complementares entre si. Desta forma, pode-se propor o seguinte:

Figura 1 – Interculturalidade e relações públicas internacionais



Fonte: elaborado pela autora com base em Ferrari (2006; 2011; 2014), Castells (2010), Nobre (2016), Wakefield (1996), Maldonado (2005; 2008; 2014; 2015), Wainberg (2011), Bastos e Neto (2008), Cogo (2001), UNESCO (2009), Canclini (2004), Cabral (2017), Ribeiro (1999), Alsina (2000).

A figura acima demonstra um cenário globalizado, no qual está presente a *práxis* de relações públicas internacionais. Partindo desse pressuposto, existe o relacionamento intercultural, de diferentes culturas internas ou externas. Por esta razão, a interculturalidade aparece como uma via de mão dupla, que possibilita o relacionamento entre ambos os lados.

5 Considerações Preliminares

O presente artigo buscou concatenar os conceitos de interculturalidade e relações públicas internacionais. Abordando, através da teoria, os conceitos de cada uma, bem como suas respectivas divergências e convergências. Percebeu-se, desta maneira, que a interculturalidade se faz latente em um mundo globalizado, onde há a *práxis* de relações públicas internacionais cada vez mais presente no dia a dia.

Tendo em vista que o objetivo do presente artigo é concatenar os referidos conceitos de interculturalidade e relações públicas internacionais, utilizando como metodologia a revisão bibliográfica, pode-se elencar que o mesmo foi alcançado, pois, além de os conceitos terem sido expostos aqui, eles também foram elencados através de uma figura, que buscou unir conceitos das duas áreas, demonstrando a maneira como uma

complementa a outra. Desta forma, foi possível resumir a teoria aqui exposta, bem como elucidar discussões acerca do tema.

O presente trabalho se trata de uma pesquisa em áreas muito recentes da comunicação, tendo em vista que o processo de globalização teve seu auge nos anos 80, onde se tornou ainda mais latente a comunicação intercultural e o relacionamento no âmbito internacional. Desta forma, é um estudo que possui grandes chances de crescimento no meio acadêmico, em especial, na área de relações públicas, tendo em vista que o relacionamento é a matéria-prima da atividade.

Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Comunicação Intercultural**. [S.I.]: 2000. Disponível em: <http://www.aulaintercultural.org/article.php3?id_article=22 > Acesso em 19 de setembro de 2017.

ARVATI, Mariana Carolina; VENTURA, Acácia de Fátima. Diferenças Culturais e Negociações Internacionais: Brasil e Arábia Saudita. **Revista de Negócios Internacionais**. Piracicaba, v. 5, n. 9, p.19-24, 2007.

CABRAL, Raquel; ANDRELO, Roseane. **Internacionalização e Interculturalidade: alianças para o ensino transformador**. In SANTOS, Célia Retz; FERRARI, Maria Aparecida. Aprendizagem ativa: contextos e experiências em comunicação. Bauru: FAAC/UNESP, 2017.

CESCA, Cleuza Gertrudes Gimenes. **Relações Públicas para Iniciantes**. São Paulo: Summus, 2012.

COGO, Denise. Mídia, Imigração e interculturalidade: mapeando as estratégias de midiaticização dos processos migratórios e das *falas* imigrantes no contexto brasileiro. **Comun. Inf.** v. 4, n. 1 / 2. p.11-32. Jan/dez, 2001.

FERRARI, Maria Aparecida. As dimensões locais das Relações Públicas Internacionais: teorias e paradigmas. **ORGANICOM: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**, São Paulo, v. 3, n. 5, p.83-95, 2º semestre, 2006.

_____. Significados, possibilidades e impasses da comunicação intercultural. **ORGANICOM: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**, São Paulo, v. 11, n. 21, p.11-17, 2014.

_____. Comunicação Intercultural: Perspectivas, dilemas e desafios. In: _____; MOURA, Cláudia Peixoto de. (Org.). **Comunicação, Interculturalidade e Organizações: Faces e Dimensões da Contemporaneidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

MALDONADO, Alberto Efendy. Teoria da Comunicação: interculturalidade, filosófica, linguagem e sociedade. **Conexão – Comunicação e Cultura**. UCS, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p.117-129, jul/dez. 2005.

_____. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSARIO, Nísia Martins do (orgs.) **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008, p.27-54.

_____. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: MALDONADO, A. E. (Org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014.

MALDONADO, Alberto Efendy; PIRES, Julherme José. Globalizações, gênero e cidadania no entorno de Jogos Vorazes: disposições culturais e políticas no Brasil e no Vietnã. **Revista de Estudos da Comunicação**. Curitiba, v. 16, n. 41, p.327-344, set/dez. 2015

NOBRE, Guilherme Fráguas. Diplomacia de negócios e relações públicas internacionais. **ORGANICOM: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**. São Paulo, v. 13, n. 24, p.114-124, 1º semestre, 2016.

RIBEIRO, Anely. **Relações públicas internacionais**. Seminário na disciplina Relações Públicas do Composto da Comunicação nas Organizações, nível mestrado em Ciências da Comunicação. Orientação: Profª. Drª. Margarida Maria Krohling Kunsch, ECA/USP: novembro, 1999.

SILVA, Vagner de Carvalho. As Relações Públicas Internacionais nos Currículos de Relações Públicas. **Intercom**: Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R2011-1.pdf>> Acesso em 23 de setembro de 2017.

UNESCO. **Relatório Mundial sobre a Diversidade Cultural**. Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural, 2009. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf> Acesso em 18 de setembro de 2017.

WAINBERG, Jacques A. As Relações Públicas Internacionais e o Novo Ambiente Global. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; FOSSATTI, Nelson Costa (Org.). **Práticas acadêmicas em Relações Públicas: processos, pesquisas e aplicações**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p.216-233.

WAKEFIELD, Robert Irwing. **Interdisciplinary theoretical foundations for international public relations**. In: CULBERTSON, H. M.; NI CHEN. International public relations: a comparative analysis. Mahwah: Lea Publishers, 1996. p.1-29

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da Práxis**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.